



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

07 e 08 de dezembro de 2019

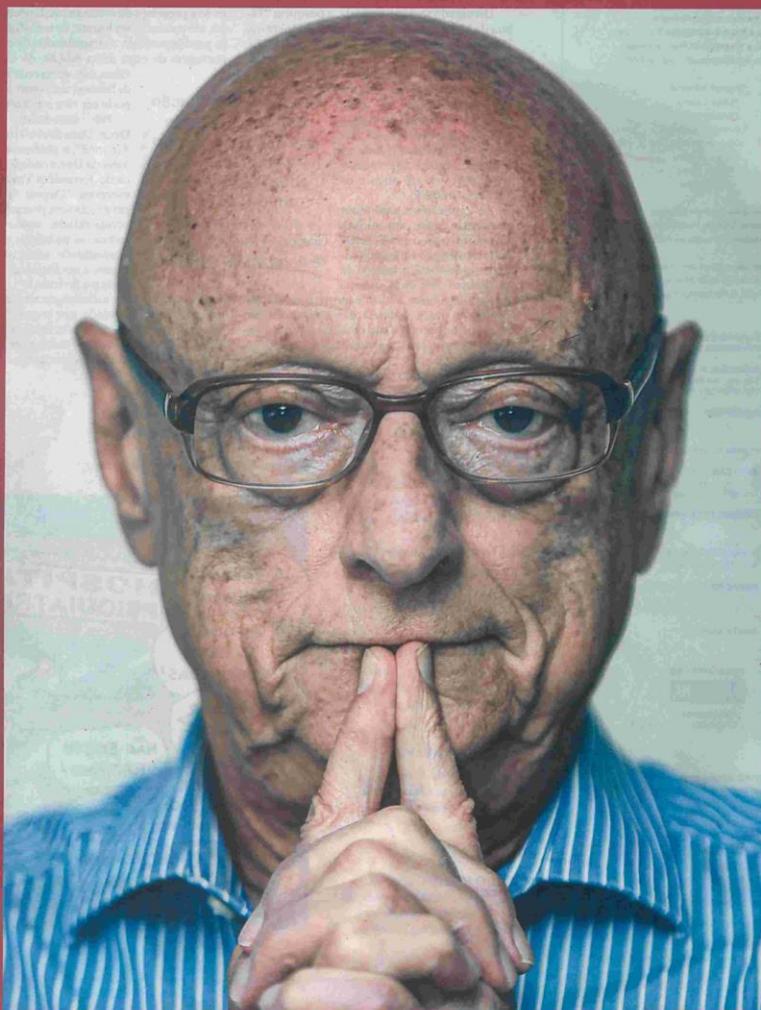
**DC Revista e AN Revista
Capa e Entrevista**

“Precisamos de tolerância. Aceitar que o outro pode ter razão”

‘Precisamos de tolerância. Aceitar que o outro pode ter razão’ / Senador da República / Esperidião Amin Helou Filho / Faculdade de Educação / UFSC

ENTREVISTA
O senador Esperidião Amin afirma que é hora de tolerância e entendimento
PÁGINAS 6 a 10

>>CONVERSA COM: **ESPERIDIÃO AMIN**



“PRECISAMOS DE TOLERÂNCIA. ACEITAR QUE O OUTRO PODE TER RAZÃO”

Com 50 anos de vida pública, Esperidião Amin fala sobre o atual momento da política brasileira e catarinense, relembra e avalia momentos do passado, o sonho presidencial e a volta à política

UPIARA BOSCHI E EVERTON SIEMANN

upiara.boschi@somosnsc.com.br
everton.siemann@somosnsc.com.br

No dia 17 de dezembro completa 50 anos da formatura da primeira turma da Esag (antiga Escola Superior de Administração e Gerência, hoje Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas), uma das células formadoras da Udesc. O orador daquela turma, prestes a completar 21 anos, ainda daria muito o que falar: era Esperidião Amin Helou Filho.

Neste meio século, Amin tornou-se um dos grandes protagonistas da política catarinense. Prefeito de Florianópolis, indicado e eleito, deputado federal três vezes, senador duas vezes, governador duas vezes, candidato a presidente da República. Sempre com o mesmo número 11 de um partido que muitas vezes mudou de nome e hoje se chama Progressistas.

Em uma conversa descontraída, o senador fala sobre o atual momento da política brasileira e catarinense, relembra e avalia momentos do passado político, vitórias e derrotas, o sonho presidencial e a volta à política. Confira a seguir:

Upiara Boschi - O senhor sempre foi filiado ao PP, que teve outros nomes, mas continuou sendo o mesmo partido. Um partido conservador. Mas em vários momentos o senhor flertou com o outro lado: início da campanha pelas eleições diretas para presidente em 1983, aliança com o PDT de Brizola em 1985, com o PT de Lula em 2006. Hoje o senhor convictamente defende o governo Jair Bolsonaro. Como Esperidião Amin se define politicamente?

O primeiro estatuto de partido que eu li foi o do PDS (Partido Democrático Social, criado em 1980 e que deu origem ao atual PP). Não acho que seja o estatuto de um partido de direita. É conservador em termos de costumes ou de usos, mas é um partido preocupado com a justiça social e

a transparência, tão necessária para a honestidade, o zelo com o dinheiro público e o respeito ao cidadão. Já divergi muito dentro do partido. Seja PDS, o PP, Progressistas, como se denomina hoje. São muitas siglas, mas sempre fomos o 11. Falar em coerência é uma coisa muito complicada. Devo ter cometido vários erros, mas fico contente porque posso dizer que divergi dentro do partido.

U - Mas como o senhor se define politicamente, como se enxerga no espectro político?

Não consigo me ver como um liberal em função do país em que nós vivemos. Me sinto próximo daquilo que se chama de social-democracia. Até prefiro a democracia social. Democracia significa respeitar as regras de uma eleição e seus resultados. E ter uma preocupação com o social, mas não com o assistencialismo, mas com a oportunidade para que as pessoas empreendam, cresçam, tenham acesso à educação, a uma saúde razoável. Se alguém procurar o que significa a social-democracia, verá que é para onde está evoluindo o mundo, especialmente na Europa.

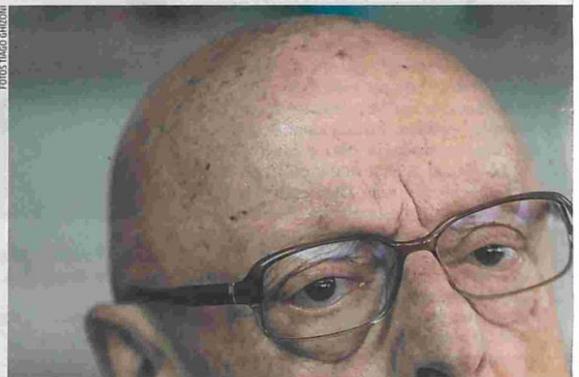
U - E no Brasil?

Qual é o partido social-democrata? Temos o PSDB com esse nome e o PSD. Acho que estamos em transição.

U - Os nomes dos partidos significam alguma coisa no Brasil?

Acho que significam cada vez menos, por causa da fragmentação havida. Esse é o meu conforto. Por que não mudei de partido? Porque este partido em que estou suportou minhas divergências. Devo isso àqueles que suportaram minha indisciplina ao que estava estabelecido. Na questão do colégio eleitoral, por exemplo, eu não fico satisfeito porque estava certo. Fico satisfeito porque consegui manter uma linha com alguns denominadores comuns. E em segundo lugar porque consegui ser suportado pelo eleitor

FOTOS: TIAGO GARCIA



e pela direção do meu partido.

U - Como enxerga esse momento político de tantos extremos, em que parece que tudo que o outro lado fala é totalmente errado, só um lado tem a verdade?

Vou pontuar aqui claramente: o ex-presidente Lula sair da prisão beneficiou a quem politicamente? Jair Bolsonaro. Aquilo que o Saramago dizia, Deus não perdoou Lúcifer com a seguinte frase: “para que eu seja forte,



Acesse outros conteúdos em nscstotal.com.br

>> SEGUE >>

é preciso que tu existas e sejas forte". Essa polarização que a eleição do ano passado mostrou, pensa-se que pode prosseguir na medida de que essas duas figuras consigam polarizar a política brasileira. E é possível que aconteça.

U - Acha isso positivo?

Acho que não é bom, mas as evidências mostram que isto é possível. Isso vai empobrecer o debate, radicalizar ainda mais as posições e transformar o desentendimento nacional em uma torcida de um lado para que o outro não dê certo. Ou seja, para que o Brasil não dê certo.

U - E o senhor vê nas discussões políticas que temos agora uma liderança que possa quebrar essa polarização? Luciano Huck, João Dória, Rodrigo Maia, Ciro Gomes, alguém lhe inspira?

Estamos vivendo um momento de ruptura. Precisamos que essa ruptura não seja transformada em um desastre social, econômico, político, institucional e que surja uma coexistência. Não é concordância. É tolerância. Aceitar que o outro pode ter fundamento de razão. Digo, com pureza de alma, que atingi este estágio. Não acho que o outro não tenha razão em nada. Abstraídas as questões de condenação pela Justiça, que você tem que respeitar, especialmente quando emergem de uma decisão de colegiado, nós temos que coexistir. É a primeira missão básica para que tenhamos sistema e regime democráticos.

Everton Siemann - E como a gente faz para coexistir neste momento, o que as lideranças políticas, os brasileiros, os catarinenses, podem fazer?

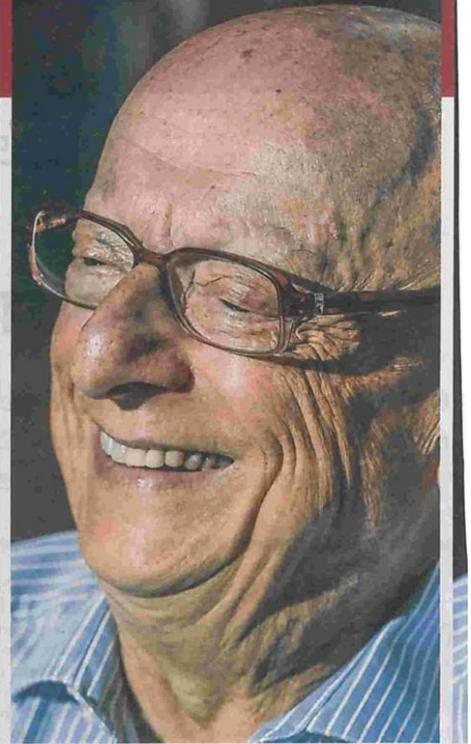
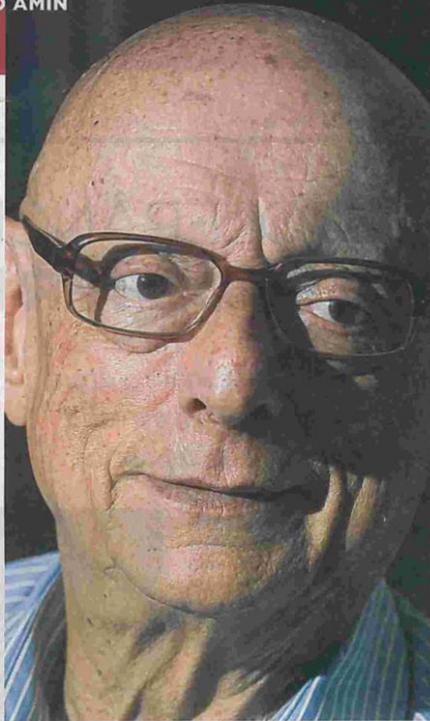
Menos insultos e mais propostas. Mais discussão sobre o conteúdo da tua proposta, da tua ideia, e até mesmo, no caso de uma administração, das formas que ela esteja utilizando como padrão de desempenho. Como ensinava Santo Agostinho, ter a coragem de criticar o pecado sem insultar o pecador.

E - O senhor é uma pessoa bem-humorada. O que o tira do sério?

A intransigência, o dogmatismo. "Eu sou o certo". Sempre que alguém me apresenta essa convicção, essa certeza de que ele é a verdade e que discutir com essa verdade é uma insolência, sempre acho que vou me incomodar (risos).

U - O senhor já foi assim?

Todos nós já fomos assim. Especialmente no lidar com o superior. Seja com o pai, com o professor, o padre, o pastor. A insubordinação, a rebeldia, faz parte da nossa vida. O duro é passar para o lado do bombeiro e compreender que faz parte do ciclo biológico, político, da vida.



U - O senhor já sonhou em ser presidente da República. O que guarda desse sonho?

Eu não parei de sonhar. Enquanto estiver vivo eu sonharei.

U - O que o senhor faria?

Acho que eu faria um grande esforço de coexistência e não tenho dificuldade com isso. Não tenho nenhuma dificuldade de ouvir, respeitar, concordar ou não. Mas procurar na mensagem de quem pensa aparentemente com uma diferença diametral em relação àquilo que penso alguma coisa que não enxerguei ou não estou conseguindo enxergar. É possível que o que ele enxerga seja real. Tirar da divergência, que é uma riqueza, algumas resultantes que consigam melhorar o resultado.

U - Como foi concorrer à presidência?

Foi emocionante e foi frustrante. Há alguns detalhes da campanha que me encorajam. É por isso que falo que não vou parar de sonhar nunca. Não fiquei contra o Plano Real (implantado naquele ano e base da campanha que levou Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, a vencer a disputa em primeiro turno), mas criticava uma questão do Plano Real e isso me enfraqueceu politicamente. Em 1994, eu dizia: este barco vai navegar carregando uma corrente que no fim vai imobilizá-lo, é a taxa de juros. Nesses 25 de anos de Plano Real, quanto pagamos de sobretaxa de juros? O último cálculo que fiz, ano passado, deu mais de R\$ 5 trilhões. Diferença entre a taxa praticada no Brasil e

o praticada no Ocidente. Ou seja, temos uma economia com o Real razoavelmente estável há 25 anos. O dólar já valeu R\$ 0,90 e hoje está em R\$ 4,20. Isso é razoavelmente estável, não precisamos eliminar três, ou quatro ou 16 zeros (cortar zeros e rebatizar a moeda era prática frequente nos anos de hiperinflação, controlada a partir do Plano Real). Mas pagamos um juro extraordinário. Eu não estava errado quando dizia que era mais barato pagar a dívida, transformar em títulos, e começar a vida nova com responsabilidade fiscal. Nem evoluímos tanto na responsabilidade fiscal, haja vista o escândalo do Rio de Janeiro.

U - O senhor diz que não perdeu o sonho de ser presidente da República. E governar o Estado pela terceira vez?

Enquanto a gente estiver na política, tem que encarar isso não como uma obstinação. Imagina o quanto eu queria ser eleito governador com 34 anos (em 1982). Imagine o meu desejo de ser candidato a presidente em 1989, quando disputei uma convenção e perdi (para Paulo Maluf). Imagina em 1994. Eu não aparecia mal nas pesquisas. Algumas me colocavam como segunda opção em um nível muito bom. O problema é que também ali se estabeleceu uma polarização entre o Real, que foi uma conquista extraordinária, e o anti-Real. E foi crescendo depois, a ponto de o Lula ganhar as eleições de 2002, inclusive em Santa Catarina. Então, sonhar é lícito. Sonhar sem se atirar no sonho de maneira absoluta, a qualquer preço, é uma questão de maturidade. Como disse Rud-

O Bolsonaro foi eleito. Eger quer dizer escolher. Carlos Moisés foi votado. É diferente.

Eu não consigo me ver como um liberal em função do país em que nós vivemos. Eu me sinto próximo daquilo que se chama de social-democracia.

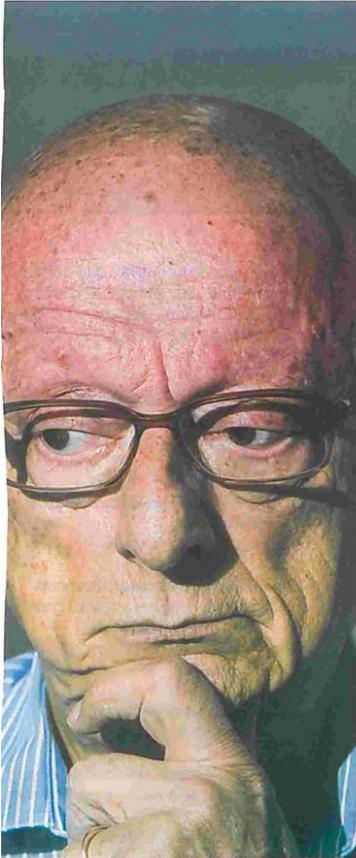


Foto: Shutterstock/STUDIO

yard Kipling, "sonhar sem fazer dos sonhos teus senhores".

E - São 50 anos envolvido com a vida pública. Quando o senhor dorme, sonha com política, com gestão pública?

Sonho. Meu principal sonho é sempre relacionado à educação. Comecei a lecionar em 1968. Há 50 anos estou na gestão pública e há 51 anos comecei a lecionar no Instituto Estadual de Educação. Depois na Esag, onde conheci a companheira da minha vida (Angela Amin), que era funcionária. Ou seja, não corrompi aluna (risos). Faculdade de Educação, UFSC. Minha última disciplina foi empreendimentos e modelos de negociação, que renovou em mim as experiências do primeiro governo, quando a gente apostou no pequeno em todos os sentidos. Desde o pequeno produtor rural até o pequeno empreendedor.

U - Voltando ao governo atual, do presidente Jair Bolsonaro. O senhor tem elogiado a agenda econômica do ministro Paulo Guedes. Não tem a impressão de que esse governo são muitos governos?

Esta parte de estimular o empreendedorismo é o Paulo Guedes, mas é do Bolsonaro também. Ele já me disse que plantou arroz, pescou, tentou um monte de coisa na vida. É metido a fazer negócio, sabe da dificuldade. Nisso vem essa coisa de desburocratizar, deixar o cara tentar, arriscar, quebrar. Nisso a roda gira. Milhares vão falir, milhares vão sobreviver.

U - E a da ideológica do governo, o que o senhor acha?

Acho que ele faz um esforço muito grande para manter aquele patamar básico de eleitores. Por isso ele está mais quieto, porque soltaram o Lula.

U - Ouvi um pesselista dizer "agora que o Lula está solto vamos poder parar de brigar com nós mesmos". É a lógica?

É. Não tem muita coisa para fazer. Até porque o Lula também vai mudar. Ele saiu e eu brincava com o pessoal do PT: "eu conhecia o Lula quando ele falava com o Frei Betto, o nosso catarinense Leonardo Boff, mas ele anda conversando com alguém diferente, porque essa versão do sermão da montanha que ele está declamando na saída de Curitiba, essa eu não conhecia (risos)". É o sermão da montanha versão 2019 (risos). O cara sai (da prisão). Menas (sic), como diria o Lula, menas (sic). Como que o Lula ganhou eleição? Carta as Brasileiros, promessa de respeitar contratos.

U - Mas a moderação não está fora de moda?

O Lula, o Ciro Gomes, o Dória, o Luciano Huck e quem mais pretenda concorrer a presidente, o Esperidião, nós vamos fazer o jogo do radicalismo? Não é só o Bolsonaro que é radical, vamos com calma. O jogo do radicalismo vai nos levar para uma solução ruim para os radicais e pior para o Brasil. Pior porque vai impregnar os cidadãos de radicalismo. Vou procurar saber quem você é para ficar contra ou a favor.

U - O senhor acha que há risco no Brasil de uma ruptura institucional como já houve?

Não temos clima para isso. Acho que já temos anticorpos suficientes. Mas não podemos ficar abusando. Nunca se deve medir até onde o elástico aguenta. O limite é arrebentar o elástico. Exemplo, o Supremo tem o direito e o dever de evoluir (um entendimento), mas não o de ser ciclotímico. Essa coisa de votar a prisão após a condenação em segunda instância quatro vezes em dez anos, isso não é evolução, é ciclotímia. Isso é muito ruim, pelos efeitos que essa oscilação provoca.

U - E boa parte da sociedade antagonizada com o Supremo por isso.

Há um belo texto da Dora Kramer em que ela diz que o Supremo está perdendo a excelência. Decisões isoladas (de ministros) você fulaniza. O pior é essa ciclotímia. Agora prende, agora solta. E quando solta, solta um monte.

U - Mas o Supremo também cresceu muito na omissão do Legislativo em legislar, o senhor não acha?

Acho que sim. A primeira coisa que falei



A polarização empobrece o debate, radicaliza ainda mais as posições e transforma o desentendimento nacional em uma torcida de um lado para que o outro não dê certo.

do Supremo. A segunda é o Congresso, que não pode se omitir em questões que sensibilizam algumas lideranças suas. Por exemplo, foro (privilegiado), que não se vota na Câmara. Segunda instância é um escândalo. O Supremo se desgastou com a decisão e nós já estamos nos desgastando. É muito rápido. O que a sociedade esperava é que o Congresso, que estava vindo razoavelmente bem, desse uma resposta. Prosseguindo, o Executivo também não pode ter uma posição de gestão facciosa. Não pode inspirar coisas como "a Folha de S. Paulo não pode entrar aqui". Que é isso?

U - O presidente é mal assessorado nesse tipo de questão ou é aquela fidelização do eleitor mais radical que o senhor falou antes?

Nesse ponto, acho que ele não se deixa assessorar. Tem algumas coisas pétreas.

U - O senhor tem bom diálogo com o presidente Bolsonaro, ele gosta de lhe citar, mandou aquele abraço na cama do hospital durante a recuperação do atentado.

O abraço era a propósito da nossa parceria na questão da impressão do voto, que é um assunto atual. Neste fim de semana, a Polícia Federal constatou, a pedido do TSE, duas falhas que o TSE considera superficiais. Já penso diferente, acho que tudo que é eletrônico é "hackeável". No abraço (de Bolsonaro), ele abraçava o parceiro dele na luta pela impressão do voto.

U - Aquele abraço, na cama do hospital, naquele momento, ajudou o senhor a sobreviver à onda de renovação e vencer a eleição para o Senado?

Acho. Penso diferente do (governador) Moisés (Amin ri, brinca com a fala do governador em entrevista à revista de 9 de novembro, quando disse que não se sentia em dívida com Bolsonaro pela eleição). Sou grato. E procuro ser grato porque conheço os níveis do inferno de Dante. Sei que no último, no nono andar do subsolo, o pior de todos, sob vigilância de Lúcifer, estão os traidores de seus benfeitores. Então, evite merecer o nono subsolo, que deve ser muito ruim (risos).

U - O abraço lhe poupou da onda 17 em 2018, mas em outra onda, a de Lula em 2002, o senhor sucumbiu e perdeu a reeleição para o governo em que era favorito.

E bem avaliado.

U - Credita aquela derrota apenas à onda Lula ou cometeu erros?

Cometi vários erros. A questão do vice. Meu parceiro principal, que era o PFL, vetou o Paulo Bauer (eleito vice-governador em 1998 e substituído por Eni Voltolini na chapa em 2022) e eu que >> **SEGUE >>**



"Eu sou o certo". Sempre que alguém me apresenta essa convicção, essa certeza de que ele é a verdade e que discutir com essa verdade é uma insolência, sempre acho que vou me incomodar.

paguei o pato. Quando se perde uma eleição por 21 mil votos, tem um monte de culpados. Agora, teve uma onda.

U - O senhor tentou ser candidato a governador em 2018, chegou a lançar uma chapa com João Paulo Kleinübing (DEM) de vice. Acha que com aquela chapa, Bolsonaro poderia ter apoiado ou senhor ou pelo menos fazer o PSL não ter candidato?

Isso é uma hipótese, nunca chegamos a conversar. Mas seria possível. Aliás, seria possível e seria a única forma de a gente fazer força para chegar ao segundo turno e ganhar. Em qualquer outra hipótese nós perderíamos para o candidato do Bolsonaro no segundo turno.

U - E o que o senhor acha do governo do candidato do Bolsonaro?

Ele não é mais do Bolsonaro (risos).

U - E o governo de Carlos Moisés, como o senhor avalia?

Ainda falta uma marca.

U - Em entrevista recente a um colega o senhor disse que o governo era "monotonamente coerente".

Não está mais sendo coerente. Ele foi eleito no bafejo de uma candidatura que o inspirou. Vamos ser bem claros. O Bolsonaro foi eleito. Eleger quer dizer escolher. Carlos Moisés foi votado, como foram votados os deputados estaduais e federais. É diferente. Acho que o governador viveu essa encruzilhada de ser o governador do Bolsonaro ou tentar a individualidade. Respeito a decisão dele. A única crítica que faço é à declaração de que acha que não deve nada ao Bolsonaro. Isso é um negócio que até agride. Agora, ele dizer que o Bolsonaro mudou de partido e ele não vai mudar, tem todo o direito e até o dever político de fazer aquilo que é mais adequado para a condução de sua responsabilidade.

U - Como o senhor vê o Progressistas neste momento, um partido que claramente tem dificuldade de se renovar?

Acho que todos os partidos no Brasil têm essa dificuldade. A melhor seção do nosso partido é a do Rio Grande do Sul. Não teve candidato a governador na última eleição.

U - E aqui em SC?

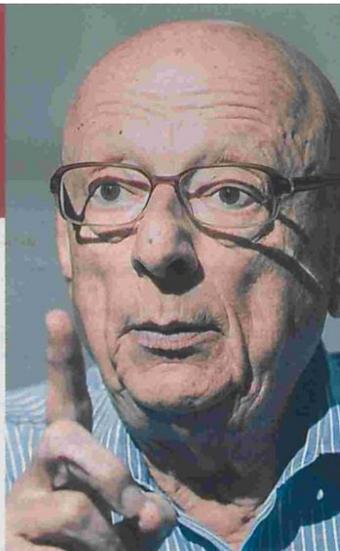
Vamos viver o mesmo problema. Quem são os nomes do nosso partido para uma maioria? Hoje é o Joares Ponticelli (prefeito de Tubarão, ex-presidente da Alesc), que andou tremendo para mudar (de partido).

U - Como é fazer parte de uma família de políticos?

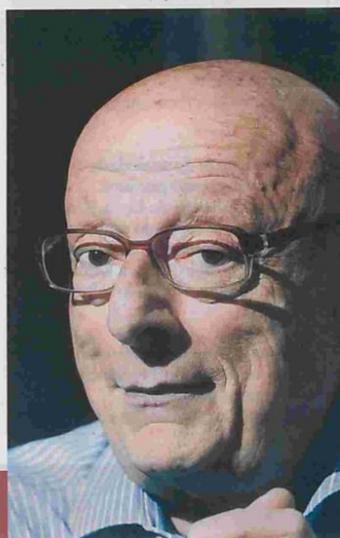
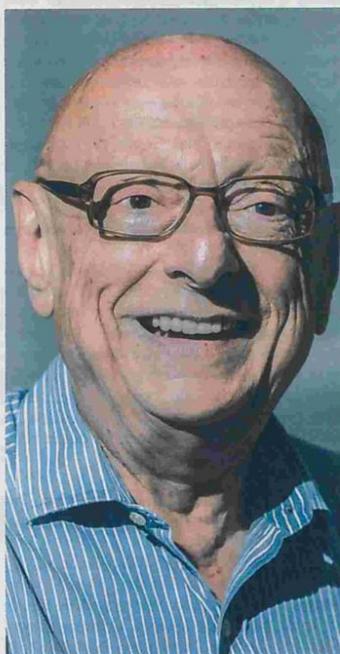
As vezes ficam nos comparando com a família do Bolsonaro, né? Mas eles são unis-



Não parei de sonhar com a Presidência da República. Enquanto estiver vivo eu sonharei.



FOTOS: DIVULGADAS/PANORAMA



sonos. Vai ter agora um quinto, que chama Renan (refere-se a Jair Renan Bolsonaro, quarto filho de Bolsonaro, que consta como um dos fundadores do Aliança). Eles têm uma unicidade.

U - O senhor diverge muito da Angela?

Muito. E do João, demais. Acho que no nosso estilo, podemos divergir, tomar atitudes divergentes.

U - No que a Angela política é diferente do Esperidião?

Ela fala muito menos (risos).

U - Ela ainda controla suas finanças?

Completamente, completamente (risos).

U - O senhor recebe uma mesada?

Recebo uma mesada.

U - E ela é justa nos reajustes?

Não! Absolutamente injusta (risos).

E - Tem uma fâmula do Avai aqui no seu escritório. O que o senhor espera do Leão em 2020?

Olha, eu ainda não consegui assimilar 2019. Estou em processo de interiorização da catástrofe para diminuí-la (risos). Como fazia Fernando Henrique, que recebia a bomba e deixava ela num cantinho. Estou na fase de amenização da dor. Uma vergonha, né?

E - O senhor sempre brinca sobre sua careca, que é uma marca pessoal. Como é ter orgulho da careca?

É uma velha história, um trauma que venci. Comecei a perder cabelo aos 13 anos. Imagina o que é um guri, no início da puberdade. Perdi por causa de uma doença, um sarampão. Está na moda agora. Mais de 40 graus de febre, perdi as unhas. Voltou (o cabelo), caiu de novo. Eu e uma irmã perdemos cabelo com o sarampo, mas o dela voltou.

E - Como foi a virada?

Tive que vencer, né? Uma época da minha vida eu usei boina para esconder.

E - Depois virou a marca registrada.

Agora quando alguém diz que pode ter um tratamento eu digo "longe de mim, pode me estragar muito" (risos).

E - E aquela frase de que é dos carecas que elas gostam mais?

Há controvérsias, mas tem um fundo de verdade. Depois que a Sabrina Sato me pediu para dar um beijinho na careca na posse (como deputado federal) em 2011, ao lado da minha mulher. E eu disse: "aquí, Sabrina?" (risos). Tem essas coisas de beijar a careca, deixar a marca. Pior é quando um homem beija. Aí é muito ruim. Mas a gente suporta. Numa campanha eleitoral, esse é o menor dos pedágios (risos).

DC Revista e AN Revista Capa e Trânsito "Os nós do trânsito"

Os nós do trânsito / Sistema Integrado de Transporte Coletivo
Metropolitano / Estudante de Jornalismo / Júlia Matos de Oliveira / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina / Congestionamentos / Mobilidade
urbana / Suderf / Superintendência de Desenvolvimento da Região
Metropolitana de Florianópolis / Observatório da Mobilidade Urbana /
Bernardo Meyer

(I)MOBILIDADE
A dura vida de quem passa
até cinco horas por dia no
trânsito da região de Flóripa
PÁGINAS 16 e 17

>>REPORTAGEM | TRÂNSITO

OS NÓS DO TRÂNSITO

Enquanto sonham por soluções para o transporte público integrado na Grande Florianópolis, moradores enfrentam rotina de filas e engarrafamentos



ÂNGELA BASTOS
angela.bastos@somosnsc.com.br

A estudante Júlia Matos de Oliveira, 19 anos, não conhece Porto Alegre. Mas o tempo que gasta entre a casa onde mora, em Palhoça, e a **Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**, onde estuda jornalismo, em Florianópolis, é o mesmo de uma viagem entre Palhoça e capital gaúcha.

— Saio às 6h30min e, mas dependendo das filas e congestionamentos só chego perto das 9h na UFSC. Somando o tempo de ida e volta, são cinco horas — calcula Júlia.

Levando em consideração a distância de cerca de 20 quilômetros entre os centros de Palhoça e Florianópolis, é muito tempo. Entre Palhoça e Porto Alegre a distância é de 441 quilômetros, e o tempo estimado de viagem de 4h57min. A estudante procura aproveitar o tempo de espera, mas reconhece ser cansativo e impactante nos estudos, pois normalmente perde metade da primeira aula, que inicia às 8h20min.

Júlia é uma entre milhares de pessoas que sofrem o impacto do caos que se tornou o trânsito na região. A Capital é a única cidade entre as quatro maiores da Grande Flo-

rianópolis que possui um sistema integrado de transporte coletivo. Para que se torne realidade em nível regional, é necessário que as demais — São José, Palhoça e Biguaçu — também criem um complexo de mobilidade urbana. Fisicamente já existe uma integração no Terminal do Centro, o Ticen, com plataformas utilizadas por ônibus vindos desses municípios. Há, no entanto, outras questões a serem observadas, como a revisão tarifária.

Para Matheus Hoffmann, superintendente da Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Grande Florianópolis (Suderf), a situação se encaminha para a execução de um plano integrado.

— É preciso somar esforços para ações de uma gestão unificada do Estado com municípios focada no transporte integrado — diz.

O transporte marítimo é um dos modais alternativos. Recentemente houve uma reunião na Secretaria de Infraestrutura do Estado com a presença dos quatro prefeitos. Um estudo sobre a viabilidade econômica do transporte pelo mar unindo Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu está em análise. Palhoça e São José discutem o assunto em sessões da Câmara Municipal e audiência pública.

A expectativa é que todos os municípios façam adesão priorizando o transporte público e não o privado. Se isso ocorrer, no primeiro semestre de 2020 o edital integrando a região poderá estar na rua. Uma das primeiras ações a ser executada será a criação de corredor exclusivo para ônibus na Via Expressa.



1 De Palhoça até a UFSC, a estudante Júlia Matos de Oliveira gasta o mesmo tempo se fosse a Porto Alegre.

2 Fila de carros na SC-401, rodovia estadual que corta a ilha e tem grande movimento diário de veículos





Assunto já reuniu os maiores especialistas em Florianópolis

Não é de hoje que o tema trânsito é discutido. Em 2010, Florianópolis sediou I Fórum das Américas sobre Mobilidade das Cidades. Especialistas no assunto vieram da França, Alemanha, Inglaterra, Colômbia, Governo dos Açores, em Portugal. Três dias de conversa e a conclusão já experimentada em outros lugares: mobilidade envolve um conceito, e não apenas obras.

As vésperas de completar uma década do encontro que trouxe também bambambãs de grandes empresas de obras e engenharia brasileiras, a cidade continua a piscar em vermelho. Protagonistas deste cenário, agentes públicos e moradores têm diante de si a pergunta sobre o futuro de uma cidade que não para de crescer e atrai novos moradores.

Mas que também aparece em pesquisas o que as ruas mostram no dia a dia. Florianópolis foi escolhida a pior capital do país quando o assunto é mobilidade urbana, como concluiu, em julho, um diagnóstico das universidades UFSC, UFRGS, UnB e Oxford Brookes University, da Inglaterra. Dois anos antes, em 2017, conquistava como a pior cidade brasileira para se dirigir do aplicativo Waze, numa pesquisa do Índice de Satisfação dos Motoristas.

DEPENDÊNCIA RODOVIÁRIA

Não é tão difícil sugerir as melhores soluções de transporte público integrado para a região da Grande Florianópolis. O maior desafio é fazer a população entender porque o óbvio não acontece, como transporte marítimo, a construção de faixas exclusivas para motocicletas, intervenções nos entroncamentos das rodovias (SCs). A dependência da matriz rodoviária, a falta de modais alternativos como ciclovias e o descaso com o pedestre buzina na cabeça dos moradores.

Quem no trânsito costuma olhar para o



Florianópolis é uma das poucas capitais do país sem transporte marítimo. Já nem falo no metrô de superfície, que ficou na promessa. Mas podia haver um sistema de vans regularizadas, como existem em outras cidades.

RICARDO CHAVES,
empresário



Sempre que vejo alguém sentado dentro do carro reclamando do trânsito digo: vai de ônibus, criatura!

RAFAELA MIGUEL,
estudante de gastronomia



A escolha dessas tecnologias alinharia a região à tendência internacional de uso de transporte público não poluente e serviria de exemplo.

Bernardo Meyer,
especialista

lado se pergunta: Porque tem tanto carro na rua, muitas vezes com uma única pessoa dentro? Um das respostas estaria no preço mais barato do que a passagem de ônibus.

– Moro em Palhoça e trabalho no Centro de Florianópolis. São uns 20 quilômetros e se fosse de ônibus gastaria R\$ 14, pois a passagem está em torno de R\$ 7. Meu carro faz 10 quilômetros com um litro de gasolina, que agora está em torno R\$ 4,30 – conta Ricardo Chaves.

O empresário sabe dos custos com desgastes de pneus, freios, troca de óleo. Mesmo assim prefere pagar o preço de viajar de forma mais confortável, pois os ônibus andam lotados e nem sempre no horário. Acha que a inauguração da terceira faixa na Via Expressa deu mais fluidez ao trânsito. Mas é crítico na questão de alternativas de transporte.

– Florianópolis é uma das poucas capitais do país sem transporte marítimo. Já nem falo no metrô de superfície, que ficou na promessa. Mas podia haver um sistema de vans regularizadas, como existem em outras cidades.

Ao lado dele, a colega de trabalho Martha Lírio também reclama:

– A região é muito bonita. Imagina sair de barca de Biguaçu ou Palhoça? Ou até mesmo ferry boat, como tem em Navegantes, e que leva os veículos de uma cidade para outra? – sugere a esteticista.

Martha é contra o uso do asfalto por patinetes. Para ela, a redução dos espaços nas ruas e calçadas causa mais problemas do que solução para o tráfego. Atenta a conversa, a atendente Rafaela Miguel defende o contrário. Para ela, as cidades precisam de menos carros nas ruas. Além de poluir, diz, os veículos se envolvem acidentes que matam ou deixam sequelas graves.

– Sempre que vejo alguém sentado dentro do carro reclamando do trânsito digo: vai de ônibus, criatura!

Biometano nos ônibus para reduzir poluição do ar

Mobilidade inclui todos os usuários, independente do modal. Assim como também exige cuidados com relação ao meio ambiente, seguindo tendência mundial. É neste intuito que o Observatório da Mobilidade Urbana da UFSC trabalha em parceria com a agência alemã GIZ para apoiar o governo do Estado na elaboração de edital de licitação para o transporte público metropolitano da Grande Florianópolis.

O objetivo é estabelecer exigências que obriguem a empresa vencedora do certame operar com um percentual de ônibus movidos a energia elétrica ou biometano, um gás oriundo do biogás, de

modo a contribuir para redução da poluição atmosférica, o qual deve ser incrementado com o transcorrer do contrato.

A equipe da UFSC estuda opções de abastecimento e infraestrutura necessárias para que o uso de ônibus limpo não provoque qualquer prejuízo à eficiência operacional.

– A escolha dessas tecnologias alinharia a região metropolitana da Grande Florianópolis à tendência internacional de uso de transporte público não poluente e serviria de exemplo a muitas outras cidades no país e no mundo – explica Bernardo Meyer, coordenador do Observatório de Mobilidade da UFSC.

DC Revista e AN Revista Comunicação

“Melhores trabalhos são reconhecidos em prêmios”

Melhores trabalhos são reconhecidos em prêmios / Prêmio de Jornalismo da NSC Comunicação / Cárilda Emerim / UFSC

>>REPORTAGEM | COMUNICAÇÃO

MELHORES TRABALHOS SÃO RECONHECIDOS EM PRÊMIOS

Resultado do Prêmio de Jornalismo da NSC Comunicação foi anunciado nesta semana e reconheceu os melhores projetos do ano. Jornalistas da empresa também foram reconhecidos no Prêmio IMA

A NSC Comunicação reconheceu na tarde desta quarta-feira os melhores trabalhos jornalísticos executados em 2019. Foram 88 trabalhos inscritos pelos profissionais da empresa em sete categorias: projeto multimídia, inovação, reportagem, impacto social, produto digital e imagem/design e regional.

Destas vezes, os melhores trabalhos foram escolhidos por um grupo de jurados externos. Ajudaram na avaliação os professores: Carlos Praxedes, da Univali, Silvio Melatti, do Ielusc, Rosemeri Laurindo, da Furb, Francesco Silva, da Unochapecó, Cárilda Emerim, da UFSC, e Marcelo Nogueira, Unisociesc.

Profissionais de comunicação também foram envolvidos na avaliação: Marcelo Rech, presidente da ANJ, Sérgio Cury, diretor de criação da Agência Interbrand, Marcelo Canellas, repórter da TV Globo, Carlos Alberto Di Franco, diretor do Master em Jornalismo, Rosental Alves, diretor do Knight Center, Marco Rodrigues, o Bôdão, coordenador de jornalismo de Afilias Globo, e Ademir Arnon, presidente da Associação Catarinense de Imprensa.

– O nosso jornalismo é criativo, leve, ético, investigativo, essencial, independente, responsável. Tudo isso aparece nos candidatos inscritos e nos vencedores, que são o retrato do jornalismo profissional que fazemos diariamente – disse César Seabra, diretor de Jornalismo da NSC.



Vencedores foram conhecidos na quarta-feira

VENCEDORES DO PRÊMIO DE JORNALISMO DA NSC COMUNICAÇÃO

PROFISSIONAL DESTAQUE DO ANO
Edsoul

PRODUTO DIGITAL

Apollo 11 – Animação mostra a chegada do homem à lua - Ângela Prestes, Ben Ami Scopinho, Maiara Santos, Vanessa Santos, Leonardo Lima, Tiago Ghizoni e Raquel Vieira

IMAGEM/DESIGN

Jean Carlos de Souza com o trabalho Pescadeiras, o dia a dia das mulheres que vivem no mar

IMPACTO SOCIAL

Nossa Voz por elas de Luciana Correa e equipe do Jornal do Almoço

INOVAÇÃO

Chamadas da previsão do tempo de Douglas Marcio, Rachel Schneider, Giuliane Correa e Rogerio Bueno

PROJETO MULTIMÍDIA

De Hermann a Blumenau de Augusto Ittner, Everton Siemann, Maiara Santos, Aline Costa da Silva, Vanessa Mottini, Adriana Krauss,

Bethania Guenther e Rodrigo Fruc

REPORTAGEM

Pílulas mortais - Jean Raupp, Pedro Rockenbach, José Carlos Araújo, Thiago Kauê e Allan Postal

REGIONAL

O custo da marcha - Jean Raupp, José Carlos Araújo, Leonardo Thomé, Pedro Rockenbach, Luiz Clebes, Mayara Vieira e Guilherme Porcher

NSC conquista cinco troféus no Prêmio IMA de Jornalismo

A NSC Comunicação conquistou cinco troféus no Prêmio IMA de Jornalismo, em premiação que ocorreu na última terça-feira, 3 de dezembro, no Clube dos Oficiais, no bairro Trindade, em Florianópolis.

Na categoria Telejornalismo, a NSC TV Blumenau ficou com o 1º lugar da premiação com a reportagem “2008 – 10 anos da tragédia”, que relembra a catástrofe de novembro de 2008 que deixou 135 mortos em todo o Estado.

As premiações se estenderam também à categoria Internet, onde o 1º lugar ficou com a equipe do Jornal de Santa Catarina, de Blumenau, com o trabalho “Especial Fritz Müller”, que contou a saga do natu-

ralista que residiu em Blumenau e trocou cartas com Charles Darwin, o pai do evolucionismo. Nesta categoria, o Diário Catarinense ficou com o 2º lugar, com a reportagem “Saiba como o desmatamento na Amazônia afeta SC”, de Lucas Paraizo.

Na categoria Fotojornalismo, a foto “Incêndio no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro”, de Tiago Ghizoni, do DC, conquistou o 1º lugar. O DC conquistou o 1º lugar também da categoria Impresso. A reportagem “Atenções se voltam às barragens de SC”, de Lariane Cagnini, detalhou as estruturas e a fiscalização nas barragens de contenção de água e mineração em SC após o rompimento em Brumadinho (MG).



Representantes dos trabalhos vencedores receberam os troféus na Capital

Notícias do Dia Geral "Vestibular unificado em SC"

Vestibular unificado em SC / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina
/ UFFS / Universidade Federal da Fronteira Sul

ND GERAL NOTÍCIAS DO DIA
20 FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 7 E 8 DE DEZEMBRO DE 2019
Editor: DOUGLAS CAUDURO
redacao@ndmais.com.br

UFSC e UFFS aplicarão as provas sábado, domingo e segunda-feira. Portões abrem às 13h

Vestibular unificado em SC

Começa neste sábado (7) a maratona do Vestibular Unificado da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e da UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul). As provas serão aplicadas sábado, domingo e segunda-feira. Os portões abrem às 13h e fecham às 13h45. Após esse horário, nenhum candidato poderá entrar. As provas ocorrerão das 14h às 18h, portanto, com tempo máximo de quatro horas de duração. Os candidatos só podem sair da sala a partir das 16h30.

É necessário ter em mãos o documento de identidade informado no requerimento de inscrição e a confirmação de inscrição definitiva. Se o documento foi roubado, deverá ser apresentado o boletim de ocorrência expedido há, no máximo, 90 dias.

Para marcar as questões no cartão-resposta, o estudante deverá utilizar caneta esferográfica, fabricada em material transparente, de tinta preta (preferencialmente) ou azul. Para auxiliar na resolução das provas (rascunho), é permitido utilizar lápis, borracha (sem capa) e lapiseira fabricada em material transparente.

Em caso de haver a necessidade de transportar algum dos materiais que estão na lista dos permitidos e não permitidos (veja quadro), eles deverão ser colocados dentro de sacos plásticos devidamente identificados e permanecerão debaixo da carteira. Qualquer objeto eletrônico deverá ser desligado.

Comportamentos que podem levar à exclusão

O candidato não poderá fazer nenhum tipo de empréstimo de material, nem fornecer qualquer tipo de ajuda a outros participantes. Qualquer tentativa de burlar a prova ou de utilizar falso documento de identidade também ocasionará no cancelamento da participação. É proibido perturbar a ordem dos trabalhos ou afastar-se da sala, durante a realização da prova, sem o acompanhamento de um fiscal.

Sair antes das 16h30 ou não entregar todo o material da prova antes de sair também irá resultar na expulsão do candidato.

ORIENTAÇÕES

Permitido	Não é permitido
- Garrafa de água, de material transparente	- Celular
- Lanches	- Relógio
- Embalagens menos barulhentas	- Controle remoto
- Alimentos que não emitam cheiros fortes	- Chave eletrônica de veículos
- Alimentos de fácil manuseio e digestão	- Fone de ouvido
	- Calculadora
	- Pen drive
	- Tablet

- Reprodutores de música
- Qualquer tipo de aparelho eletrônico, exceto em casos referentes a condições especiais
- Chapéu
- Boné
- Gorro
- Turbante e similares
- Óculos escuros

Notícias do Dia Divirta-se + "Teatro da UFSC recebe recital especial"

Teatro da UFSC recebe recital especial / 2º Recital de Saxofone e Flauta Transversal / Professor / Felipe Moritz

SAXOFONE E FLAUTA

Teatro da UFSC recebe recital especial

SERVIÇO

Recital de Saxofone e Flauta Transversal

Quando: sábado e domingo, às 19h

Onde: Teatro da UFSC (praça Santos Dumont / rua Desembargador Vitor Lima, 117, Trindade, Florianópolis)

Quanto: gratuito e aberto à comunidade. Os ingressos devem ser retirados na bilheteria do teatro, que abre uma hora antes do início das apresentações

Neste sábado e domingo, às 19h, o Teatro da UFSC (ao lado da Igreja) recebe o 2º Recital de Saxofone e Flauta Transversal, que apresentará o resultado deste ano dos estudos de alunos do músico, professor e mestre Felipe Moritz. Os ingressos são gratuitos e serão distribuídos na bilheteria do teatro.

A atividade, além de oferecer apresentação musical gratuita, aberta à comunidade, com repertório de música popular brasileira e facilitar o acesso do público a um espetáculo em que os instrumentos de sopro são protagonistas, é forma de fortalecer apresentações artísticas que valorizam a música nacional.

Os estudantes se sentem orgulhosos em poder compartilhar a experiência adquirida em sala de aula – pondo em prática, no palco, o repertório estudado, ao lado de músicos convidados.

Também é uma ação para aproximar artistas e comunidade do Teatro da UFSC, espaço que completou 40 anos.

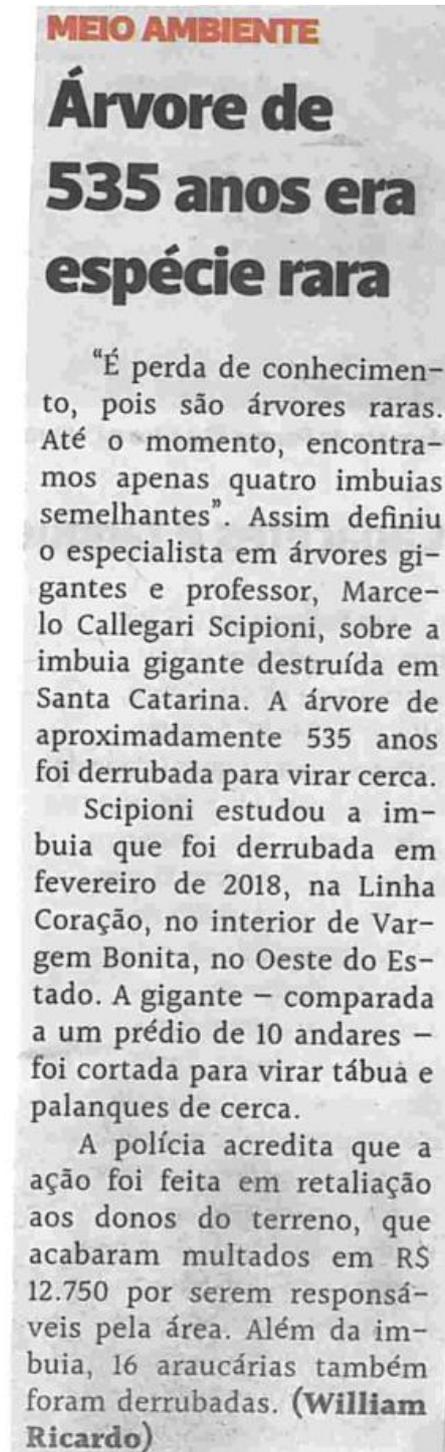


Saxofonista e flautista Felipe Moritz se apresentará

**Notícias do Dia
Geral**

“Árvore de 535 anos era espécie rara”

Árvore de 535 anos era espécie rara / Imbuia / Professor / Marcelo Callegari
Scipioni / Campus Curitibanos



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

07/12/2019

[Frio! Serra catarinense amanhece hoje \(7\) com 1,3°C e geada](#)

[Vestibular unificado UFSC e UFFS 2020 começa neste sábado](#)

[Vestibular unificado UFSC e UFFS 2020: Veja fotos do primeiro dia](#)

[Vestibular unificado UFSC e UFFS 2020: Primeiro dia tem índice de abstenção de 17,71%](#)

[Primeiro dia de vestibular unificado UFSC e UFFS tem índice de abstenção de 17,71%](#)

[Cinco anos após data prevista para inauguração, sede da UFSC em Joinville segue inacabada](#)

[Projeto SC Games forma mais de 1.700 alunos em 10 anos de atuação](#)

[Vestibular Unificado da UFSC e UFFS começam neste sábado](#)

08/12/2019

[Estudantes prestam o vestibular unificado da UFSC e UFFS](#)

[Estudantes fazem provas do Vestibular unificado UFSC e UFFS neste domingo](#)

[Maurício Gariba Júnior é eleito reitor do IFSC](#)

[Maurício Gariba Júnior é eleito novo reitor do IFSC](#)

[Trabalho da Farmácia Municipal de Içara é destaque em Florianópolis](#)

[Com inauguração neste mês, Centro de Atendimento abre portas por um dia e volta em janeiro](#)

["Precisamos de tolerância. Aceitar que o outro pode ter razão, afirma Esperidião Amin](#)